

# Funai fechará unidades longe de aldeias e enxugará pessoal

Reforma inclui treinamento de índios e fim do empreguismo

Ricardo Miranda

• BRASÍLIA. Há sete meses à frente de um dos patinhos feios do Governo, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, decidiu reunir ontem a direção do órgão para anunciar o início de uma reforma profunda. Vai fechar boa parte de suas 50 unidades descentralizadas — as administrações regionais da Funai espalhadas pelo país, algumas a muitos quilômetros de qualquer aldeia — e demitir parte dos 3.600 funcionários (360 em Brasília) que hoje lotam a entidade, inclusive índios. A Funai tem 1.049 índios (29%) na sua folha de pagamentos.

Gaiger decidiu manter empregados somente os índios que aceitem passar por treinamento. A idéia é aproveitar a mão-de-obra indígena nas funções de educador e agente de saúde nas próprias aldeias, acabando com o empreguismo. Os 340 postos que funcionam dentro das aldeias serão mantidos. Gaiger diz que está identificando e vai punir um grupo — formado por funcionários da Funai e até por índios — que estaria por trás de ações como o rapto de dois presidentes da Funai (o próprio Gaiger e seu antecessor Márcio Santilli) e manifestações no Congresso.

Ressaltando que os índios de fato têm o que reclamar — melhores condições de vida, por exemplo — Gaiger acha que eles estão sendo manipulados por grupos que tiveram interesses contrariados. No caso, interesses financeiros. Segundo o presidente da Funai, ao assumir o cargo encontrou uma situação vergonhosa: a existência de uma tabela informal

de pagamento aos índios que desembarcavam em Brasília. Pela tabela, além de terem suas passagens de ida e volta pagas pela Funai, os índios recebiam ajudas de custo. Um cacique em Brasília recebia (por um período variável) R\$ 250, um vice-cacique R\$ 200 e um guerreiro entre R\$ 50 e R\$ 100. A Funai gastava por mês, com o pagamento de passagens e pensões para os índios, entre R\$ 250 mil a R\$ 350 mil.

## Visitas a Brasília e cachês às custas do Erário

Com tantas vantagens, 250 a 300 índios estavam permanentemente hospedados na capital — a maioria sem finalidade alguma — por conta do Erário. O esquema, de acordo com Gaiger, envolvia até donos de pensão, que lucravam com o afluxo de índios.

— Era uma vergonha. Davam um cachezinho de R\$ 200 para um cacique e achavam que com isso não teriam mais problemas. Essa era a Funai antes da minha posse. Não admito mais isso — disse Gaiger, que na terça-feira da semana passada foi arrancado do gabinete por 20 xavantes pintados para a guerra, em protesto contra uma possível extinção da Funai.

Há dois dias os mesmos índios, liderados pelo cacique Lauro, da aldeia Boa Vista (MT), foram ao Congresso e, novamente pintados com urucum vermelho e preto, protestaram contra boatos de que seriam demitidos da Funai. Ontem eles estavam numa pensão em Brasília vendo TV e comendo quentinhas. No caso desses índios, a Funai pagou a pensão do grupo por três dias e a viagem de volta à aldeia porque eles

tinham um compromisso (terça-feira à noite) com o ministro da Justiça, Nelson Jobim. Nesses casos a Funai abre uma exceção à nova regra. Só não pode impedir que os índios aproveitem para agendar outros compromissos.

— Estou identificando as pessoas que estão capitalizando as angústias dos índios para radicalizar os comportamentos. São índios e funcionários da própria Funai. Os mesmos que botaram alguns índios para me arrastar para fora do gabinete, avisando antes a imprensa, e depois colocaram o mesmo grupo no Congresso para ameaçar me dar bordunadas. É um vale-tudo — afirmou Gaiger.

Ele admitiu que a Funai se tornou um cabide de empregos:

— A detenção de cargos se tornou uma forma de angariar recursos. Muitos índios-funcionários usam o salário para repassar recursos para sua comunidade. Aí surge o empreguismo.

O presidente da Funai considera irresponsáveis os boatos de que a Funai seja extinta. Boatos já negados pelo próprio ministro Jobim, a quem o órgão se vincula.

— Como está hoje, a Funai é dispendiosa e não cumpre seu papel, além de ter criado um mecanismo de dependência junto às comunidades indígenas. Mas espalhar boatos sobre sua extinção é ser terrorista e leviano, porque os índios ficam angustiados — salientou Gaiger.

A Funai, segundo ele, prepara um programa de capacitação de seus servidores em parceria com outros ministérios:

— Quero todos capacitados. Só vou demitir os que não se aceitarem se enquadrar nessa nova proposta. Seja branco ou índio. ■